

A Nova Revolução Verde e o Preço Mundial de Alimentos

por Raj Patel and Eric Holt-Giménez
tradução de Náíade Dourado

Era somente uma questão de tempo, e nem foi preciso muito. A crise mundial de alimentos e a explosão de conflitos ao redor do mundo foi transformada em uma oportunidade. E por quem? Pelas próprias instituições que criaram as condições para a crise se iniciar: os proponentes da Revolução Verde.

Em seu editorial intitulado “A Crise Mundial de Alimentos” do dia 10 de Abril, o jornal americano New York Times adverte que aumentos entre 25-50% no preço de alimentos criaram conflitos “do Haiti ao Egito”. O jornal, corretamente, coloca parte da culpa na sede dos países do hemisfério norte por etanol, apontando que a substituição de plantação de alimentos por biocombustíveis “é responsável por pelo menos metade do aumento da demanda de milho em cada um dos últimos três anos”. Aumento na demanda significa aumento no preço, o que coloca o alimento fora do alcance dos consumidores de baixo poder aquisitivo.

Em seguida, confundindo demanda econômica com disponibilidade real, o New York Times chega a uma conclusão duvidosa. Citando o presidente do Banco Mundial Robert Zoellick, o jornal clama por “[uma] revolução verde” para aumentar a produtividade das plantações e da safra na África”. Essa, claro, foi uma resposta que se esperava do Banco Mundial, a instituição que, junto ao FMI, aplicou à força o Programa de Ajustamento Estrutural (PAE), responsável por destruir a capacidade das nações Africanas de desenvolver ou proteger seus sistemas internos de agricultura do “dumping” de grãos subsidiados oriundos dos Estados Unidos e Europa. Ao longo dos 25 anos em que os PAEs foram implementados, o Grupo Consultivo para a Pesquisa Agrícola Internacional (GICAI) investiu mais de 40% dos seus \$350 milhões de dólares/ano na “Revolução Verde” Africana. O resultado? Um grande Zero. Na verdade pior que zero, já que à medida que os marketing boards africanos (institutos de comercialização de produtos agrícolas), ministros da agricultura, programas nacionais de pesquisa e infra-estrutura básica caíram a golpes de foice sob o peso dos poderosos PAEs, os sistemas agrícolas africanos foram corroídos lentamente. Agora, seu sistema de alimentação inteiro está completamente vulnerável a qualquer choque econômico ou ambiental – daí a seriedade da presente crise de inflação dos preços dos alimentos.

Como a GICAI e outros campeões da Revolução Verde explicam esse fiasco? A Revolução Verde, dizem eles, não passou pela África. Se isso fosse o caso, então em que parte do planeta a CGIAR gastou aquela dinheirama? E se esse não foi o caso e a Revolução Verde foi simplesmente um fracasso, então de que jeito repetindo-se a mesma ação se resolverá a crise atual?

Claro que a Revolução Verde não foi somente uma instituição, e nem é em si uma entidade estática. A nova Revolução Verde Geneticamente Modificada é um conglomerado de instituições de pesquisa públicas e privadas, financiadas por impostos

(americanos) e investimentos condicionais de uns poucos monopólios poderosos de sementes, químicos e fertilizantes. A Revolução Industrial é um paradigma da modernização industrial, e ao mesmo tempo, uma campanha para penetrar no mercado agrícola do Sul Global. Acima de tudo, a Revolução Verde é uma estratégia política desenvolvida para obter e manter firme o controle sobre o sistema de alimentos do Sul Global nas mãos de corporações e instituições do hemisfério norte. É precisamente essa dimensão política da presente crise de alimentos que está sendo tão tacitamente evitada pelo New York Times, Banco Mundial e outros promotores da Revolução Verde.

Mas as políticas de alimentação são inevitáveis. Raj Patel, membro do Instituto Food First (Alimentação Primeiro), autor do livro recém publicado “Stuffed and Starved” (Com Fome de Barriga Cheia, sem tradução para o Português) (<http://stuffedandstarved.org/drupal/frontpage>) aponta que os “conflitos de alimentação” precisam ser entendidos historicamente, no contexto não somente da falta de alimentos, mas da pobreza; não à falta de tecnologia, mas a falta de democracia.

“Historicamente”, escreve Patel, “há dois fatores a serem notados. O primeiro é uma fenda imensa e súbita nos direitos, uma diferença entre o que as pessoas acham que tem direito, e aquilo a que têm direito de fato. Preços agrícolas subiram devido à uma combinação perfeita de biocombustíveis, aumento no consumo de carne, aumento no preço do petróleo, baixas reservas de grãos e colheitas ruins. Essa inflação tem significado que as pessoas acreditam serem capazes de alimentar suas famílias em um certo nível, mas no final das contas só são capazes de alimentá-las em um nível muito menor. A existência e o alargamento dessa fenda na percepção dos direitos é um dos fatores importantes que causaram a precipitação dos conflitos.

Mas há um segundo elemento. Conflitos tendem a ocorrer em lugares onde não há outra maneira de se fazer o governo ouvir. Em outras palavras, é um sinal de que os processos democráticos não existem, ou de que foram exauridos. O Haiti há muito tempo tem sido vítima de instabilidade política, e agora é liderado pelo presidente Rene Preval, apoiado pelos EUA. Ele recentemente ordenou a população a retornar às suas casas, talvez sem entender que através de seu protesto, as pessoas é que estavam lhe ordenando a tornar a alimentação delas mais barata...

A questão real aqui é o por quê de os governos serem incapazes de responder às necessidades de seus cidadãos. Há duas respostas: Primeiro, as políticas que mitigariam a subida de preços (reservas de grãos, tarifas, despesas sociais destinadas à população carente) já foram desgastadas por décadas de neoliberalismo e políticas de livre mercado e globalização.

Para implementar essa política, governos tiveram de tapar seus ouvidos para os clamores de suas populações. O Banco Mundial não empresta sem “ajustamentos estruturais” que cortam gastos em programas sociais. Em outras palavras, tem havido fortes incentivos financeiros para governos de hábitos pouco democráticos.”

Os conflitos recentes – mais de 50 pessoas morreram nos últimos dois meses – não são conflitos caóticos de pessoas que passam, são rebeliões enraivecidas de uma população famintas mas cheia das desigualdades do sistema injusto de alimentação global. A solução para a crise presente não é trazer as instituições do “capitalismo desastre” que criaram essa situação. A solução é democratizar o sistema de alimentação global, tirando o controle dos oligopólios agrícolas e colocando-o de volta nas mãos de agricultores e consumidores, que verdadeiramente deveriam ser os beneficiários da agricultura.